

DAIANA DE ASSIS LOPES

**A HOSPITALIDADE SOB A VISÃO DE WILLIAM
SHAKESPEARE**

Artigo científico apresentado à CASTELLI –
Escola Superior de Hotelaria, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Especialista em Gestão Hoteleira.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Diney Adriana
Nogueira de Oliveira

Canela
Novembro / 2009

ARTIGO CIENTÍFICO

A HOSPITALIDADE SOB A VISÃO DE WILLIAM SHAKESPEARE

Daiana de Assis Lopes¹

Resumo

A hospitalidade foi, outrora, representada através da linguagem popular dos séculos XVI e XVII e adaptada ao teatro pela mente criativa e talentosa do mais famoso dramaturgo da literatura clássica inglesa: William Shakespeare. Suas peças remetem o tema às cerimônias e rituais do bem receber da época, além de permitir uma análise em relação à hospitalidade praticada no século XXI. Recheadas de conflitos e intrigas, algumas obras “shakespearianas” representam hospitalidade genuína ou hostilidade, vícios e virtudes que envolvem a arte do acolhimento. Hóspedes assassinados por anfitriões, conflitos de convivência, e também belos diálogos carregados com lisonjas hospitaleiras contribuíram para uma análise que une as duas artes: o bem receber e a literatura; onde visitantes e visitados se permitem conviver ou conflitar diante desta necessidade de sociabilização inerente à condição humana, a qual denomina-se hospitalidade.

Palavras-chave: Hospitalidade. Virtudes. Vícios. Rituais.

Abstract

Hospitality was once represented by the popular language of the 16th and 17th centuries and adapted to the theater by the creative and talented mind of the most famous playwright of classical english literature: William Shakespeare. His plays refer the matter to ceremonies and rituals of welcoming at that time, and allow an analysis in relation to hospitality practiced in the 20th century. Full of conflicts and intrigues, some of the most famous "Shakespearean" works represent genuine hospitality or hostility, vices and virtues that involve the art of hosting. Guests killed by hosts, conflicts of coexistence, and also beautiful dialogues loaded with flattery hospitable contributed to an analysis that links the two arts: the welcoming and the literature, where visitors and

¹ Pós-graduanda do curso de Pós-Graduação em Gestão Hoteleira da Castelli Escola Superior de Hotelaria.

visited are allowed to live or conflict on this need for socialization inherent to the human condition, which we call hospitality.

Key-words: Hospitality. Virtues. Vices. Rituals.

A HOSPITALIDADE SOB A VISÃO DE WILLIAM SHAKESPEARE

William Shakespeare nasceu em Stratford-upon-Avon, Inglaterra, em 23 de abril de 1564. O tema “hospitalidade” está presente em algumas tramas “shakespearianas” como Rei Lear, Macbeth e Contos de Inverno. Hóspedes assassinados por anfitriões, intolerância, desarmonia no ato de receber, conflitos desencadeados pela longa permanência e alusões ao dever do visitando para com o visitante, e vice-versa, serão analisados segundo os conceitos da hospitalidade.

Considerado o maior poeta e dramaturgo da língua inglesa, Shakespeare viveu durante o Renascimento e, portanto, testemunhou a transição entre a “verdade” teocêntrica e a nova realidade humanista, antropocêntrica. Segundo Castelli (2005, p. 67):

A Renascença (séculos XV a XVII) trouxe à tona uma nova mentalidade, uma nova maneira de pensar e viver [...]. Melhoraram os meios de comunicação, os intercâmbios foram incrementados, os negócios entre as nações foram desenvolvidos [...]. O homem, na Renascença, tornou-se o parâmetro do mundo. Passou-se, assim, de uma visão teocêntrica para uma visão antropocêntrica [...]. Compunha o denominado *savoir vivre* dos ilustres pensadores da época o desejo de viajar para ver, sentir e matar a curiosidade sobre a cultura e demais atrativos existentes em outras nações. Montaigne e Shakespeare, entre outros, registraram em suas obras esse desejo, o que ajudou a incrementar as viagens.

Além de relatar este crescente desejo pelas viagens, William Shakespeare em sua dramaturgia, narra a busca pelas viagens como sendo mais que um anseio jovial, mas uma necessidade de troca cultural, comercial e política. Em Hamlet (SHAKESPEARE, 2009) indica que a viagem de Laertes para a França foi motivada por um intercâmbio cultural. Já em Macbeth, a fuga dos filhos do Rei Duncan para a Irlanda e Inglaterra mostra o quão necessária é a hospitalidade com os refugiados em tempos de guerra. Vítimas de intrigas políticas, os irmãos refugiados foram acolhidos, ainda que a Escócia (país de origem dos príncipes) e a Inglaterra vivessem conflitos territoriais e frequentes invasões. Porém, essa necessidade não é fenômeno temporal exclusivo da época em que viveu Shakespeare. Vários relatos históricos refletem a

afirmação da hospitalidade entre os povos como sendo fenômeno advindo da busca pacífica pela integração em tempos de incessantes guerras provocadas por conflitos políticos, religiosos e territoriais. Ora, o profeta bíblico Elias refugiou-se na Fenícia e foi acolhido por uma nação inimiga; o herói romano Pompeu “O Grande” refugiou-se na Grécia em 49 a.C. e foi acolhido por uma nação subjugada pelos próprios romanos até não encontrar a mesma acolhida no Egito, onde teve sua cabeça decepada. Até os dias atuais, a hospitalidade solidária se dá a refugiados políticos, mesmo sob desconfortos diplomáticos, e não ocorre por imputação divina, mas por tratados entre os países. A hospitalidade diplomática, como direito humano, não é furtada nem mesmo aos tiranos, assim demonstrou o lento processo de extradição de Pinochet em 1998.

Voltando ao tema principal, a visão “shakespeariana” da hospitalidade, descrita em várias estrofes e cenas de suas obras, por vezes, demonstrava ainda aspectos da antiga visão teocêntrica, onde os cultos à hospitalidade e os direitos de hospedagem ainda determinavam a obrigatoriedade do acolhimento *et lux perpetua luceateis*.

Shakespeare, 2006) m Macbeth, o Rei Duncan dialoga com Lady Macbeth, sua anfitriã:

DUNCAN - Vede, vede nossa honrada anfitriã! O amor que nos acompanha por vezes é motivo de nossa preocupação, mas por ele ainda assim somos gratos. Com isso estou lhe ensinando, minha senhora, a rezar a Deus para que nos recompense pela trabalhadeira que ora lhe impomos e a agradecer-nos por toda sua preocupação.

Quando o Rei Duncan recorre a Deus para agradecer o acolhimento na casa de Macbeth, (SHAKESPEARE, 2006, p. 28) remete o leitor à condição da hospitalidade sob o jugo divino. Segundo as origens bíblicas da hospitalidade identificadas no Êxodo (22:21): “Não maltratarás o estrangeiro”. A hospitalidade e suas virtudes eram temas populares nos sermões de padres e eruditos que viveram na Inglaterra durante o século XVI e XVII (LASHLEY; MORRISON, 2000).

Sendo os reis outrora reconhecidos como *Pontifex Maximus* (nomenclatura originada no Império Romano) designados por Deus à coroa, hospedar um rei era um dever cristão e também um símbolo de *status*, como descreveu Shakespeare (1995) em Henrique VIII, durante a visita do rei ao Palácio de York, até então moradia do Cardeal Wolsey, fortunas foram gastas na preparação do castelo para a recepção do rei. Receber um rei era solicitação feita somente às casas mais nobres e ricas da época, já que esta “tarefa” requeria esforços e investimentos financeiros. Quase sempre era preciso reformar os castelos para a permanência de um rei. O próprio Príncipe de Condé (1671)

Excluído: .

endividou-se quando encarregou François Vatel de hospedar, alimentar e entreter Luís XIV e 3.000 nobres da corte francesa por três dias, segundo o filme *Vatel: Um banquete para o rei* (VATEL, 2000). “A hospitalidade dos fidalgos para com os monarcas não pode, no entanto, ser confundida com o servilismo do regime feudal.” Castelli (2005) registra que os vassallos serviam aos senhores em ordem hierárquica em troca de proteção, logo que no contexto dos séculos XVII e XVIII foi marcada pela sociabilização entre as cortes, onde as famílias podiam exibir seus brasões e suas melhores pratarias: “A cerimônia e a etiqueta nos banquetes, aliás, foi introduzida nas cortes por Catarina de Médici no século XVI.”

Em se tratando da hospitalidade doméstica, pode-se afirmar que ser hospitaleiro é sacrificar algo que se tem em favor do hóspede e, conforme Camargo (2004), por sua vez, “esse algo pode exigir ou não dispêndio monetário, elencando o sacrifício como um dos componentes essenciais à hospitalidade genuína.” Logo, os nobres se sacrificavam ao agradar a presença real, o anfitrião despende esforços para agradar ao visitante e, em analogia, uma unidade hoteleira incorpora custos para surpreender o seu hóspede.

A prática da hospitalidade, no entanto, não era somente um dever de súditos para com seus monarcas, mas também um ato voluntário concebido pelo sentimento de **GENEROSIDADE**.

REI: Muito bem, Hamlet, onde está Polônio?
HAMLET: Na ceia. Mas não está comendo. Está sendo comido. Um determinado congresso de vermes políticos se interessou por ele. Nesses momentos, o verme é o único imperador. (...) O rei obeso e o mendigo esquelético são apenas variações de um menu – dois pratos, na mesma mesa; isso é tudo.
REI: Ai, ai, ai!
HAMLET: Um homem pode pescar com o verme que comeu o rei e comer o peixe que comeu o verme.
REI: O que é que você quer dizer com isso?
HAMLET: Nada, senão demonstrar-lhe que um rei pode fazer um belo desfile pelas tripas de um mendigo. (SHAKESPEARE, 2009, p. 99)

Shakespeare narra o diálogo entre Hamlet e o Rei, expressando a igualdade da condição humana e permite fazer uma analogia entre a condição mortal e o direito e o dever da hospitalidade, seja para um nobre ou para um mendigo. Assim como a morte despoja o rei de sua coroa e cetro e o mendigo de seus farrapos, colocando ambos sob a condição puramente humana e mortal, a hospitalidade também o faz. A proximidade da morte torna os homens iguais e solidários, e assim também ocorre com semelhantes na mesma condição de desabrigo. Tal qual um homem pode ser generoso e solidário perante seu semelhante desabrigado, fraterno e cortês em tempos de guerra e de paz,

pode também ser omissivo, egoísta e hostil. Pode incorrer à boa prática das virtudes da hospitalidade, como também ao vício de deixar de praticá-las. Variações de atitudes tão somente intrínsecas da condição humana, onde todos estão expostos aos mais diversos sentimentos e ações.

Na tragédia *Rei Lear* Shakespeare (2008) exemplifica a **SOLIDARIEDADE** entre humanos sob a mesma condição. Em sua narrativa, o Rei Lear e dois de seus fiéis seguidores vagam pela tempestade após lhes terem sido negada a hospitalidade na casa das duas filhas a quem Lear concedeu herança prematura. Com fome e frio, Lear, o bobo e Kent encontram uma choupana abandonada onde pernoita Edgar, fugitivo de intrigas familiares que, disfarçado de mendigo, se esconde sob pena de morte. Ambos em situação de abandono e desabrigo enfrentam o frio e a chuva. Um rei e um nobre mendigo dividem o mesmo cobertor, a mesma forragem de palha serve de leito a ambos. Um rei cuja majestade não o exime de sentir frio e cansaço, é ligado a um mendigo pelo sentimento de **SOLIDARIEDADE** e comungam da mesma hospitalidade singela que encontram na velha choupana.

Na mesma obra, Shakespeare narra o ato generoso do personagem Gloucester, pelo qual ele é punido por uma das filhas de Lear:

GLOUCESTER - Entre comigo. Minha lealdade não permite que obedeça em tudo às duras imposições de suas filhas. Embora tenham ordenado que eu fechasse minhas portas deixando-o à mercê desta noite tirânica, não hesitei em vir procurá-lo para conduzi-lo a um local onde terá fogo e alimento. (SHAKESPEARE, 2008, p. 81)

Ao arriscar a própria vida para hospedar Lear em sua casa, Gloucester não é movido senão pelo sentimento de compaixão, de **GENEROSIDADE** e **SOLIDARIEDADE**. De sentimentos antônimos comungam as duas filhas de Lear. No diálogo entre Goneril (a mais velha) e seu criado, ela ordena que seu pai, rei e hóspede seja tratado com hostilidade, quando impõe: “Se vocês relaxarem os serviços farão muito bem”; assim narrou Shakespeare (2008, p. 25). Logo sua descortesia é percebida por um dos cavaleiros do rei: “Vossa Alteza não está sendo tratado com a cerimoniosa consideração que lhe é devida. Há uma enorme diminuição de cortesia por parte dos criados”, como consta em Shakespeare (2008, p. 28).

A genialidade de Shakespeare, demonstrada nesta narrativa, pode e merece ser analisada diante dos atuais conceitos da hospitalidade, sendo trazida, sob forma de analogia para o contexto atual da hotelaria. Geraldo Castelli (2005, p. 142), autor reconhecido por suas diversas obras, descreve a “cadeia da acolhida” em cinco atos:

“receber e acolher, hospedar, entreter, alimentar e despedir-se.” e ainda afirma: “saber acolher o viajante dentro das normas de **CORTESIA** e amabilidade difere do procedimento puramente mecânico e circunstanciado.” Sendo assim, cada ato ou etapa do processo de acolhida, desde a chegada até a despedida, deve ser revestido de **CORTESIA** e presteza. A cerimônia é, então, ato intrínseco ao conceito da hospitalidade, percebida pelo visitante e interpretada como cortesia, pois expressa o prazer em receber, a espontaneidade e a voluntariedade de agregar o visitante ao meio, mediante remuneração ou não. Este aspecto também é percebido em um diálogo de Shakespeare (2009, p. 57) para o personagem de Hamlet que recepciona um grupo de atores que viajaram para diverti-lo:

HAMLET – Cavalheiros, sejam bem-vindos em Elsinor. Meu aperto de mão. A demonstração de uma boa acolhida é a **CORTESIA** e a cerimônia. Permitam-me que cumpra com vocês o ritual, para que a minha acolhida aos atores (a qual, lhes digo, deve se revestir de certa pompa) não pareça superior à que lhes dedico. Vocês são bem-vindos.

O aperto de mão é o melhor ritual para uma recepção informal. E para a cerimônia que exige mais formalidade, como é o caso da hotelaria, o melhor ritual ainda é a troca de sorrisos seguida de boas-vindas. Definida por Camargo (2004) como um processo de comunicação interpessoal, onde os atores dos diversos grupos sociais agem através de conteúdos não-verbais e de conteúdos verbais, a hospitalidade é repleta de leis não escritas, ou seja, constituída de rituais. Vale ressaltar que esses rituais não são restritos somente à recepção daquele que chega, mas durante toda a sua permanência. Um aperto de mão, somente, não satisfaz a complexidade do ato hospitaleiro, portanto a hotelaria também não se restringe ao fornecimento de alojamento temporário, que é o básico esperado, mas também em surpreender o hóspede, proporcionando-lhe uma permanência agradável e inesquecível, durante a qual, em todos os processos, é preciso aplicar os rituais e as virtudes de ser hospitaleiro.

Retomando a cena entre Goneril e o séquito do Rei Lear, a proposital falta de **CORTESIA** na casa da duquesa foi assim percebida por seus hóspedes. O relaxo no tratamento para com os visitantes reflete o vício da hostilidade, que Camargo (2004) classificou como antônimo da **CORTESIA**: quesito indispensável na arte da hospitalidade.

Os vícios da hospitalidade são a principal trama em quatro tragédias shakespearianas: Rei Lear, Ricardo III, Macbeth e Contos de Inverno. Mas antes de tratar destas obras, convém refletir sobre as virtudes da hospitalidade, e sobre como elas

encontram seus equivalentes antagônicos. Durante o curso de Pós-Graduação no presente ano, o professor Geraldo Castelli, enquanto facilitador da disciplina “Fundamentos da Hospitalidade”, assim elencou as sete virtudes da hospitalidade, cujos vícios equivalentes foram acrescentados: **CONVIVÊNCIA** (conflito), **RESPEITO** (desrespeito), **CORTESIA** (hostilidade), **TOLERÂNCIA** (intolerância), **GENEROSIDADE** (egoísmo), **SOLIDARIEDADE** (indiferença) e, por último, **HARMONIA** (discórdia).

A boa **CONVIVÊNCIA** é configurada pela comunhão de ideais, valores e objetivos. Quando estes elementos são antagônicos entre dois ou mais convivas, podem desencadear diversos conflitos na relação entre o visitante e o visitado. A virtude da boa **CONVIVÊNCIA** está intimamente ligada a outras virtudes como a **TOLERÂNCIA** e a **HARMONIA**, bem como seus equivalentes antagônicos, que geralmente são causas e/ou efeitos de um e de outro. Na tragédia “Rei Lear”, estes antagonismos estão bem exemplificados por Shakespeare (2008, p. 35):

GONERIL – [...] Velho e venerável, o senhor deveria também ser sensato. Tem aqui, entre cavaleiros e escudeiros, uma centena de homens, tão desordeiros, debochados, corruptos e violentos, que esta corte, infeccionada pelos seus costumes, se transformou numa *caravanserai* de devassos. O gozo e a luxúria fazem este palácio se parecer mais com uma taverna e um lupanar do que com uma habitação honrada. Essa desgraça exige remédio imediato. O senhor tem de se convencer a diminuir bastante esse seu séquito e providenciar para que os que ainda ficarem a seu serviço sejam homens que conheçam o senhor como a si próprios, capazes, pois, de honrar a sua idade.

LEAR – Trevas e demônios! Selem os meus cavalos; reúnam minha gente. Bastarda desgraçada! – não te darei mais incômodos; tenho ainda uma filha.

GONERIL – O senhor agride meus criados; e essa escória dos seus homens trata como criados os seus superiores.

Após ordenar que seus criados relaxassem na **CORTESIA**, a filha de Lear ainda se recusa a hospedar o séquito real, deixando de retribuir a **GENEROSIDADE** de seu pai ao ceder a ela metade de seu reino. Recusado também pela segunda filha, a Lear só restará a velha choupana relatada anteriormente. Genuína generosidade só foi encontrada na casa de Cordélia, sua terceira filha, rejeitada e deserdada por não render-se à bajulação exigida pelo pai, conforme Shakespeare, 2008):

CORDÉLIA – Mesmo que não fosses pai delas, esses cabelos brancos deveriam inspirar-lhes mais compaixão. Este rosto merecia ser exposto à guerra dos ventos? Enfrentar o ribombo profundo e aterrador de trovões relampejantes? [...] Numa noite assim até o cão de meu inimigo poderia se abrigar em minha lareira mesmo que tivesse me mordido. Mas tu, meu pobre pai, tiveste que te confundir

com porcos e vagabundos famintos, disputando com eles um pouco de palha apodrecida.

Através da personagem Cordélia, Shakespeare (2008, p. 120): “faz merecida alusão à compaixão, como sendo o principal sentimento do qual advém a **GENEROSIDADE** e o **RESPEITO** pela velhice de Lear.” Ela cuidou de seus ferimentos, lhe deu roupas limpas e um leito para repousar. Novamente adaptando a linguagem poética de Shakespeare para os dias atuais, questionam-se as virtudes da hospitalidade na atividade hoteleira. Tomando por exemplo um hóspede que, fragilizado e longe do seu lar, venha a sofrer alguma moléstia de saúde durante a sua estadia, atendê-lo solícitamente em sua recuperação é, antes de ser um dever para com o cliente, um ato generoso e solidário para com o semelhante. É esta a matéria da qual é forjada a verdadeira hospitalidade.

Foi com maestria que Shakespeare narrou alguns dos crimes da hospitalidade mais famosos da literatura. As duas artes (a de hospedar e a de ser hospedado) se fundem em intrigas, ciúmes, conspirações políticas, hóspedes assassinados por anfitriões e vice-versa. Na tragédia Rei Lear, já citada várias vezes, as filhas ingratas punem a generosidade de Gloucester arrancando-lhe os olhos. Seria mais uma trama de assassinato, se não fossem as agressoras hóspedes do conde, que clama e apela para a sua condição de anfitrião, protegida pelas leis que regiam o direito ao albergue: “Que pretendem Vossas Graças? Meus bons amigos lembrem-se de que são meus hóspedes: não podem me fazer nenhuma afronta”; assim narrou Shakespeare (2008, p. 90).

Em uma das mais famosas peças dramáticas da literatura, Ricardo III, tirano que não poupa vidas para vestir-se com a indumentária real, após a morte de Eduardo IV, recebe seus jovens sobrinhos e herdeiros do trono da Inglaterra para a coroação do mais velho. Nenhum vilão shakespeariano demonstrou tamanha falsidade e frieza quanto o personagem de Ricardo III, como escreveu Shakespeare (2007, p. 91):

RICARDO – Bem-vindo, querido sobrinho, soberano de meus pensamentos. A viagem, por fatigante, deixou-o melancólico.
PRÍNCIPE –Diga-me uma coisa, tio: se meu irmão vier, onde deveremos hospedar-nos até a coroação?
RICARDO – Onde lhe parecer à sua real pessoa o melhor local. Se me permite aconselhá-lo, Vossa Alteza deveria repousar por uma ou duas noites na Torre: depois, onde preferir e onde acredite ser o mais apropriado para sua saúde e divertimento.

Mal sabia o príncipe que seu fidalgo tio, anfitrião do palácio até a cerimônia da coroação, premeditava assassiná-lo com seu irmão na Torre de Londres. O personagem

de Tyrrel (intermediário da execução) descreve o mais cruel assassinato imaginado por Shakespeare (2007, p. 139):

TYRREL – O ato tirânico e sanguinário está feito. Nunca nossa terra foi culpada de tão perverso e lamentável massacre. Os dois que subornei para cometer essa desumana carnificina derreteram-se em ternura e suave compaixão e choraram como duas crianças ao relatar a triste história da morte dos príncipes. “Assim repousavam os nobres jovenzinhos, aninhados um no outro [...].

Ao tramar o assassinato dos herdeiros, Ricardo III deu exemplos de covardia, primeiro por assassinar seus hóspedes, e segundo por surpreendê-los durante o sono. O hóspede é caracterizado como vítima duplamente fragilizada e vulnerável, por depender do acolhimento anfitrião, acaba por depositar toda a sua confiança e sua segurança ao ninho de quem os hospeda; e por estar, quase sempre, em ambiente desconhecido, torna-se novamente desamparado, dependendo exclusivamente da hospitalidade anfitriã. Da mesma forma de covardia utilizaram os vilões Macbeth e sua esposa no assassinato do Rei Duncan para usurpar a coroa, narrado por Shakespeare (2006, p. 26) no diálogo abaixo:

MACBETH – Meu amor adorado, Duncan chega hoje à noite.
LADY MACBETH – E até quando fica ele aqui?
MACBETH – Até amanhã, segundo os planos dele.
LADY MACBETH – Ah, nunca jamais o sol verá esse amanhã. Teu rosto, meu Barão, é como se fosse um livro, onde os homens podem ler estranhas matérias. Para enganar o tempo, compõe-se de acordo com o momento; ostenta boas-vindas em teu olhar, em tua mão, em tua língua. Com a aparência de inocente flor, sê a serpente sob esse disfarce. Esse que está chegando deve ser bem recebido e bem tratado.

Como lobos em pele de cordeiro, os personagens infringiram a regra mais importante da hospitalidade: a segurança e a fidelidade ao hóspede. Como se Duncan fosse um hóspede indesejável, tramaram usar da hospitalidade exacerbada para ocultar o assassinato posterior ao diálogo descrito acima. O fato é que Shakespeare descreve, logo após, a cena em que Lady Macbeth embriaga com vinho os camareiros para que seu marido apunhale o rei enquanto ele dorme. Macbeth assassinou Duncan para usurpar a coroa, e após o ato enlouquece. A famosa tragédia shakespeariana trata-se de mais um crime da hospitalidade, narrado em uma época na qual a generosidade e os rituais do bem receber eram, senão, um dever civil.

Castelli (2005) discorre sobre a responsabilidade que o anfitrião exercia sobre a segurança do hóspede, representando-o e tornando-se seu herdeiro caso ele falecesse na casa do anfitrião na Grécia Antiga. Ele ainda afirma: “Se o visitante fosse assassinado

durante a sua estada, esse era considerado um dos maiores crimes atribuídos a um anfitrião, já que o seu papel era o de protegê-lo” (CASTELLI, 2005, p. 27).

As refeições, o ato de comer junto, é ocasião que proporciona a sociabilidade e a convivabilidade dos convivas. Castelli (2005) ainda remonta os banquetes como momentos prazerosos que oportunizam o fomento da hospitalidade. Shakespeare narra um diálogo, na mesma obra, indicando a importância que dos banquetes e das cerimônias como pretexto para a sociabilização dos convivas:

LADY MACBETH – Meu Real Senhor, o senhor não está entretendo os seus convidados. Arruína-se a festa que se desenrola sem que o anfitrião reitere várias vezes aos presentes como eles são bem-vindos. Sentem eles que o melhor seria alimentarem-se em suas casas. Por isso, a **CORTESIA** cerimoniosa é o molho de cada prato, é o encanto do encontro que, sem cordialidades, ficaria insosso. (SHAKESPEARE, 2006, p. 70).

A **CORTESIA** cerimoniosa descrita por Shakespeare não se remete somente à época em que viveu o dramaturgo, mas é indispensável à prática da legítima hospitalidade nos dias atuais, seja o anfitrião um amigo, um hotel ou em qualquer estabelecimento comercial.

William Shakespeare, em várias de suas obras, demonstra como a hospitalidade já era um importante rito cerimonioso de sociabilização. Em “O Mercador de Veneza” Shakespeare (2007) narra vários trechos que contemplam essa afirmação: “Lorenzo – Jéssica, eu te peço, vai entrando, e vamos preparar as cerimônias de boas-vindas para a dona da casa”. Neste diálogo, fica explícita a importância das cerimônias de recepção durante a época. No mesmo ato a personagem Pórcia dá boas vindas a um amigo de seu amado, de quem já ouvira falar muito e, com muita graça, dispensa as formalidades cerimoniais: “O senhor é muito bem-vindo à nossa casa. Isso deve revelar-se de outras formas que não somente em palavras; portanto, faço breves as formalidades do discurso”. No terceiro ato, Pórcia usa de sua hospitalidade para aproximar-se de seu amado Bassânio, tentando prolongar a permanência dele em sua casa, temerosa que seu pretendente preferido não escolha o baú certo que lhe conferirá sua mão em matrimônio, e tenha que se retirar imediatamente para obedecer às regras pré-determinadas por seu pai antes da morte, assim narra Shakespeare (2007, p. 76) no trecho seguinte:

PÓRCIA – Eu lhe peço encarecidamente que você se hospede conosco, descanse por um ou dois dias antes de arriscar a sorte, pois, se escolher mal, perco sua companhia. Portanto, seja paciente, demore-se um pouco. Alguma coisa me diz que não quero perder você; e você sabe muito bem que o ódio não dá conselhos desse quilate.

Em outra obra, Shakespeare (2006, p. 2) retrata a exaltação da hospitalidade recebida por um visitante de um país estrangeiro a seu anfitrião:

CAMILO - Creio que no próximo verão o Rei da Sicília pretende pagar ao Rei da Boêmia a visita que lhe deve.

ARQUÍDAMO - Então, a nossa hospitalidade nos vai deixar envergonhados, mas o nosso amor nos justificará, porque...

CAMILO - Suplico-vos...

ARQUÍDAMO - É verdade; falo com conhecimento de causa. Não nos será possível, com tanta magnificência... uma tão rara... Não sei como expressar-me. Teremos de dar-vos alguma bebida soporífica, para que vossos sentidos, não percebendo nossa insuficiência, ainda que não nos possam elogiar, pelo menos não nos censurem.

O personagem Arquídamo dialoga com seu anfitrião de forma cerimoniosa, enfatizando a hospitalidade siciliana e, de forma cortês faz votos de poder retribuí-la com igual gentileza.

Como foi abordada por Camargo (2004, p. 34), a segregação dos rituais da hospitalidade em lisonjas foi criada para diferenciar nobres de plebeus:

Surge no bojo do chamado movimento civilizador, prenhe de normas reguladoras do comportamento nas cidades – normas para a conversação, para o passeio, para receber, para ordenar o espaço doméstico, para servir a mesa, para comer, para se vestir, etc. Essas normas desdobram-se numa cultura material, de objetos e espaços que, entre outras funções, passam a explicar a distinção das elites – no caso, do sangue, da nobreza

A criatividade de Shakespeare produziu belos diálogos que refletem generosas cerimônias de despedidas, nas quais os anfitriões convidam os hóspedes a prolongarem sua estadia de forma prazerosa.

POLÍXENES - Amanhã mesmo, senhor, há de ser isso [...] Já cansei por demais Vossa Realeza.

LEONTES - Uma semana, ao menos.

POLÍXENES - Não; impossível; amanhã. [...] Meus negócios me atraem para casa; se insistirdes comigo, me castiga vossa amizade. Minha permanência vos é pesado fardo, a um tempo, e incômodo.

HERMÍONE - Se acaso tivesse dito que quer ver o filho, fora razão de peso. Ele que o jure; depois deixa-o partir. [...] Sim, ficareis.

POLÍXENES - Em verdade, é impossível.

HERMÍONE - Escusais-vos com juras muito fracas [...] Então, forçada sou a deter-vos como meu prisioneiro, não como hóspede. [...] Que dizeis? Hóspede ou prisioneiro? [...] Tereis de ser um ou outro.

POLÍXENES - Então, vosso hóspede, senhora, pois ser vosso prisioneiro, para mim fora ofensa mais difícil de cometer, que para vós puni-la.

HERMÍONE - Não serei carcereira, então, mas vossa hospedeira bondosa. (SHAKESPEARE, 2006, p. 3).

O diálogo acima, narrado por Shakespeare, é acrescentado de descontração e lisonjas, característicos da hospitalidade doméstica. Vale ressaltar que Políxenes (Rei da

Boêmia) e o Rei Leontes da Sicília representam uma amizade longa e duradoura desde a infância. Porém, esta bela troca de **CORTESIA** narrada não foge às típicas intrigas das tramas shakespearianas. No diálogo seguinte narrado por Shakespeare (2006, p. 6), descobre-se que Leontes já estava enciumado da longa permanência do amigo visitante e, enciumado de sua proximidade com sua esposa Hermíone, interroga seu súdito Camilo:

LEONTES - Percebeste-o? (*A parte.*) Já se fala baixinho a meu respeito: "O soberano da Sicília é um..." Custou-me percebê-lo. - Por que causa, ele ficou, Camilo?

CAMILO - Ante as instâncias da bondosa rainha.

LEONTES - Da rainha, poderá ser; "bondosa", fora certo; mas, sendo o que é, não é. Compreendeu isso outra cabeça astuta além da tua? Dize.

CAMILO - Que coisas, meu senhor? Penso que todos são de pensar que o Rei da Boêmia espicha demais sua visita.

LEONTES - Como?

CAMILO - Espicha demais sua visita.

LEONTES - Bem; e a causa?

CAMILO - Para satisfazer Vossa Grandeza e aos pedidos de nossa mui graciosa soberana.

LEONTES - Satisfazer! É boa. De vossa soberana? É quanto basta. Até agora, Camilo, te confiava não somente segredos que me tocam de perto o coração, como os de Estado, e, como sacerdote, me aliviavas o peito. (...) Mas fomos iludidos com tua integridade, ou com a que como tal considerávamos.

Logo, o ciúme despertou a desarmonia entre Leontes e seu hóspede. O diálogo em que Políxenes demonstra perceber que sua permanência prolongada estava sendo incômoda ao anfitrião, sendo também percebida pelos demais, remete ao antigo provérbio latino "*Hospes et piscis tertio quoque die odiosus est*", vulgarmente traduzido para o popular como "Hóspede e peixe com três dias fedem", um pouco equivocados, já que uma visita agradável torna prazerosa uma permanência prolongada. Conforme lembrada por Lashley, Morrison (2004), a cena entre esses personagens se assemelha à ópera *Die Walküre*, de Richard Wagner, em que o marido ciumento não pode matar Siegmund enquanto ele é hóspede em sua casa, desta forma, Hunding só poderá perseguir-lo quando ele deixar sua casa.

Castelli (2005, p. 4) explana sobre a *árvore proibida* como sendo o limite entre as relações a que se sujeitam o visitante e o visitado:

[...] o exercício da hospitalidade não significa um *abrir as portas* em relação ao outro ou na relação visitante-visitado. A recíproca também é verdadeira. Parece que, no encontro entre visitante e visitado, existe sempre uma *árvore proibida*, plantada entre ambos. Ou seja, a privacidade do visitado, que cabe ser respeitada por parte do visitante, o mesmo ocorrendo na relação oposta. [...] Recomenda-se, pois, ao visitante não *passar dos limites*, ao integrar-se, mesmo que temporariamente, numa região ou num país, cabendo respeitar os usos

e costumes que lhe são peculiares. O mesmo se pode dizer quando do seu ingresso num hotel.

A longa estadia de Políxenes, apesar da insistência da Rainha para que fosse prolongada, foi o ato limítrofe para abalar a **TOLERÂNCIA** do anfitrião para com o visitante. A imaginação de Leontes o levou a acreditar que o amigo e hóspede provara do fruto proibido, desencadeando o drama shakespeariano que culmina na ordem de assassinato da Rainha, do príncipe e da princesa que Leontes acreditava ser filha de seu hóspede, que foi tomado por ingrato e transgressor.

Ao incluir-se temporariamente na cultura local, cabe ao visitante agir com respeito aos costumes e rituais do ambiente visitado. A hospitalidade é, pois, uma atuação de personagens (visitantes e visitados) em um palco repleto e marcado por costumes, hábitos e tabus. Em concordância com Camargo (2004, p. 16): “A hospitalidade ressalta de forma inequívoca como um ritual, com dois atores e o espaço no qual uma marcação precisa, no sentido teatral da palavra, se desenrola.”

Em virtude do processo de globalização que caracteriza a atualidade, as relações entre visitantes e visitados tornaram-se mais intensas e, acrescentadas pela pluralidade das culturas difundidas, tornaram cada vez mais complexos os rituais que concernem à hospitalidade e a convivência cada vez mais frágil. Como um fio que pode ser amarrado, entrelaçado ou rompido, estas relações são cada vez mais dependentes das virtudes, que contribuem para a escolha pela reciprocidade na qual está baseada a hospitalidade.

Em última conclusão, pode-se afirmar que Shakespeare já retratava a fragilidade destas relações em sua época, quando fez da hospitalidade o tema de algumas de suas principais tramas, expondo através de sua dramaturgia os diversos conflitos entre visitantes e visitados, e também os vários exemplos da prática da cultura da **CORTESIA** e da boa **CONVIVÊNCIA**. As trocas ocorridas durante as expansões marítimas nos séculos XV e XVI já contribuía para a intensificação e para a fragilização das relações de hospitalidade da época.

O que fazer para aperfeiçoar esta intensificação sem que as relações se tornem tão frágeis perante as discrepâncias culturais? Ora. Praticando a hospitalidade genuína e enfatizando as virtudes de forma que a recíproca seja igualmente genuína, e que isto se torne um hábito! Afinal, se atribui ao grego Aristóteles, a afirmação de que nós somos o que fazemos repetidamente, a excelência não é um feito, e sim, um hábito.

Referências bibliográficas

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph, 2004.

CASTELLI, Geraldo. *Hospitalidade: na perspectiva da gastronomia e da hotelaria*. São Paulo: Saraiva, 2005.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri: Manole, 2004.

SHAKESPEARE, William. *Contos de Inverno*. Porto, PT: Campo das Letras, 2006.

_____. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

_____. *Henrique V*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

_____. *Henrique VIII*. Porto, PT: Lello & Irmãos Editores, 1955.

_____. *Macbeth*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

_____. *O Mercador de Veneza*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

_____. *O Rei Lear*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. *Ricardo III*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

VATEL: um banquete para o Rei. Direção: Roland Joffé. Paris: Gaumont; Le Studio Canal +; TF1 Films Production, 2000. 1 DVD (119 min). Produzido por Lumière.

